

PENSAR HISTORICAMENTE: UM LEGADO IMPRESCINDÍVEL DE KARL MARX

PENSAR HISTÓRICAMENTE: UN LEGADO IMPRESCINDIBLE DE KARL MARX

HISTORICAL APPRAISE: THE IRREMISSIBLE LEGACY OF KARL MARX

Marcos Cesar de Oliveira Pinheiro¹

Resumo: No texto aborda-se o legado de Karl Marx para pensar historicamente o mundo, para apontar questionamentos onde muitos só enxergam certezas, partindo do que se pode chamar de uma “nota de leitura” da obra marxiana “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”.

Palavras chaves: Karl Marx; história; luta de classes.

Resumen: En el texto se aborda el legado de Karl Marx para pensar históricamente el mundo, para plantear cuestionamientos donde muchos sólo reconocen certezas, partiendo de lo que se puede llamar "nota de lectura" de la obra marxiana "El 18 Brumario de Luis Bonaparte".

Palabras clave: Karl Marx; la historia; lucha de clases.

Abstract: The text approaches Karl Marx's legacy to appraise the world historically in order to expose questions where others only find certainties. Beginning with what can be called "a reading note" about the marxist work "The eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte".

Key words: Karl Marx; history; class struggle.

Neste ano de 2018 celebra-se o bicentenário de Karl Marx. Como os grandes gênios, foi sempre incompreendido pela mediocridade reinante e o pensamento dominado pelo poder e pelas classes dominantes. Suas concepções revolucionárias serviram de guia intelectual para quase todas as revoluções político-sociais do século XX. Através de suas palavras, muitos trabalhadores vieram a entender parte de seus sofrimentos cotidianos, em especial ao que se refere à vida social do assalariado.

Em seu nome e contra seu nome, foram cometidas várias distorções; leituras às avessas que reduziram suas obras a determinismo econômico. Assistiu-se tanto a conversão da doutrina comunista em Templo, como também a desqualificação deliberada e infundada do pensamento marxista por parte dos "intelectuais orgânicos" das classes dominantes. Por isso, e contra isso, o poeta alemão Bertolt Brecht afirmou: "Tanto se escreveu sobre Marx que este acabou sendo um desconhecido".

No entanto, como afirmou o cineasta inglês Ken Loach, em recente entrevista ao *Jornal do Brasil* (03/04/2018), “Marx é sempre um farol para o mundo, pois ele aponta questionamentos onde muitos só enxergam certezas”. Isto é, uma referência incontornável para quem quer compreender o

nosso tempo. E, por isso, Marx permanece inspirador, amedrontador e irritante, dependendo da posição ideológica de quem o observe. Sai século, entra século, ele continua sendo instigante. Nas palavras de Francisco Buey, Marx é um clássico interdisciplinar e por não caber nos compartimentos classificatórios dos nossos saberes é sempre uma obra incômoda e problemática (Buey, 2004, p. 17-18).

É sobre esta obra “incômoda e problemática” que o presente texto pretende, modestamente, refletir sobre o legado de Karl Marx para pensar historicamente o mundo, para apontar questionamentos onde muitos só enxergam certezas, partindo do que se pode chamar de uma “nota de leitura” da obra marxiana *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. De maneira que os parágrafos seguintes são atravessados pela questão de qual deve ser a postura do historiador comprometido com as lutas populares, com os interesses de classe dos explorados e oprimidos, uma vez que, como é sabido, não existe História neutra ou História que seja uma mera reprodução dos fatos ocorridos em determinado momento histórico.

O historiador constrói o fato histórico a partir das escolhas concernentes aos modos de fazer a História. “Toda narração de eventos, toda análise de causas, pelas suas inevitáveis escolhas, encobre uma ideologia” (Vilar, 1987, p. 119). Os estilos da narrativa histórica mudam ao longo do tempo, “mas a história continua associada às concepções sociais e aos preconceitos dos historiadores e do seu público, ainda que uns e outros tendam a acreditar, como o faziam os homens do passado, que seus mitos e preconceitos são verdades indiscutíveis” (Fontana, 2004, pp. 11-12). Sem perder de vista que essas escolhas não são isentas de riscos e de dificuldades, no meu entender, é o marxismo que melhor consegue responder aos grandes problemas enfrentados pela humanidade, não apenas no sentido de explicar racionalmente suas causas, mas também de pensar formas de superá-los.

Desse ângulo, três conceitos são fundamentais para o historiador: história, estrutura e conjuntura.² Na definição do historiador Pierre Vilar, “a história é um conjunto, no interior do qual há interconexões contínuas” (Vilar, 1998, p. 285). Nesta definição está presente a ideia de globalidade ou totalidade das sociedades humanas, significando que o trabalho histórico deve ser fundado numa teoria global, em que todos os aspectos da história humana em sua complexidade sejam levados em conta, recusando uma história em setores estanques (*idem*, p. 285-286).³ Isto é, para o entendimento da dinâmica da História é fundamental ter clareza da articulação entre a estrutura, impondo certos limites às ações dos sujeitos históricos, e a conjuntura, em que os homens e as mulheres reais se movimentam e operam, tomando iniciativas e lutando pela destruição, pela defesa ou pela conservação de determinadas estruturas econômico-sociais.

O texto *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* faz parte das chamadas “obras históricas” de Karl Marx – juntamente com *As lutas de classes na França de 1848 a 1850* e *A Guerra Civil na França*. Esses textos são os primeiros esforços de um autor que procurou analisar uma realidade concreta, os acontecimentos e disputas políticas do ponto de vista do “materialismo histórico”. Isto é, considerando que a sociedade se constitui a partir de condições materiais de produção e da divisão social do trabalho, que as mudanças históricas são determinadas pelas modificações naquelas

condições materiais e naquela divisão do trabalho, e que a consciência humana é determinada a pensar as ideias que pensa por causa das condições materiais instituídas pela sociedade. “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina sua consciência” (Marx, 2008b). Eis por que Marx diz que os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem em condições escolhidas por eles e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado (*idem*, 2008a).

Escrito entre dezembro de 1851 e março de 1852 e publicado pela revista *Die Revolution*, de Nova York, no ano de 1852, pode-se verificar claramente a aplicabilidade do “materialismo histórico” no livro *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Nele, Marx não se restringe a uma narrativa-testemunho dos acontecimentos que precederam e sucederam o golpe de Estado de dois de dezembro de 1851, na França. Também não é somente uma peça argumentativa tecida na trama da luta política daquele tempo, sob a pressão imediata dos acontecimentos.

De imediato, o emaranhado de datas e nomes presentes no texto pode, precipitadamente, induzir o leitor a identificá-lo à tradição positivista da história das datas, dos nomes e da sucessão dos fatos. Ao contrário, em Marx percebe-se que a descrição densa dos acontecimentos encerra sempre um conceito. Trata-se de um texto de particular importância para os historiadores. A problematização, os argumentos e os pressupostos teóricos e metodológicos, que fundamentaram Marx no preparo da obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, ensejam a abordagem de várias questões historiográficas.

Nos seus *Manuscritos econômico-filosóficos*, Karl Marx já havia rompido com a ideia de naturalização da história e assumido uma postura crítica, qual seja, o estranhamento do cotidiano como natural, tudo merece ser explicado, nada é natural. No texto *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Marx também assumira uma reflexão crítica sobre a política liberal, as concepções burguesas sobre a história e sua instrumentalização no jogo político. Isto é, descortinou o processo de presentificação da história no “reino da burguesia” (a sociedade capitalista), em que o devir da história foi esvaziado, uma vez que a burguesia se apresentou como o fruto e o fim da história.

Com a derrocada do chamado “socialismo real”, pode-se assistir a mais uma ofensiva da ideologia burguesa, a fim de revigorar a tese de que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade. Uma das manifestações mais emblemáticas dessa ofensiva foi, primeiramente, o artigo “The end of history”, em 1989, publicado na revista norte-americana *The national interest*, e, posteriormente, o livro *O fim da história e o último homem*, editado no Brasil pela Editora Rocco, em 1992. Ambos de autoria de Francis Fukuyama.⁴

O “18 Brumário” do título assinala, ironicamente, a projeção do novo no velho. Marx adverte que a recorrência ao passado, prática comum na vivência das revoluções burguesas, se constitui numa artimanha política. Trata-se de obscurecer as vivências revolucionárias do presente.

[Quando os homens] “parecem ocupados a revolucionar-se, a si e às coisas, mesmo a criar algo de ainda não existente, é precisamente nessas épocas de crise

revolucionária que esconjuram temerosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem e de combate, a sua roupagem, para, com esse disfarce de velhice venerável e essa linguagem emprestada, representar a nova cena da história universal” (Marx, 2008a, p. 207-208).

Para Marx, entretanto, existe história para além da burguesia. O reino burguês na história não é natural. Para tanto, a discussão em pauta na obra centra-se em classes sociais e projeto político. Ao falar em estrutura social amadurecida ou não amadurecida, Marx expõe a necessidade da construção da classe trabalhadora como uma classe, a construção de sua independência. De abandonar a “veneração supersticiosa do passado”. Ou seja, construir-se como sujeito revolucionário com um projeto próprio de sociedade.

Em seu *18 Brumário*, ele escreve que:

“As revoluções proletárias, como as do século 19, criticam-se constantemente na sua própria marcha, voltam ao que parecia terminado, para começá-lo de novo, troçam profunda e cruelmente das hesitações dos lados fracos e da mesquinhez das suas primeiras tentativas, parece que apenas derrubam o seu adversário para que este tire da terra novas forças e volte a levantar-se mais gigantesco frente a elas, retrocedem constantemente perante a indeterminada enormidade dos seus próprios fins, até que se cria uma situação que torna impossível qualquer retrocesso (...)” (*idem*, p. 212).

Nesse sentido, a dialética marxiana concebe o passado como tese, o presente como antítese e o futuro como síntese. O olhar marxiano projeta-se do passado para o futuro – a revolução, na construção de uma nova sociedade. Marx está convencido de que “não foi por puro acaso que as coisas se passaram tal como se passaram”, ele acredita que “atuam no presente certas tendências que *condicionam* o futuro” e, conseqüentemente, “o que vier a acontecer também não será inteiramente arbitrário”, sem com isso cair no *fatalismo* (Konder, 2009, p. 120; grifos do autor). Para Marx, “os homens não são movidos por nenhuma força transcendental ininteligível; mas a *práxis* os impele sempre adiante e eles são, com frequência, desafiados a *se transcenderem a si mesmos*”, de modo que a transcendência que o ser humano realiza na direção do futuro “não está prescrita em nenhuma lei, não é pré-formada por nenhuma exigência intemporal” (*idem*; grifos do autor). Isto é, a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso ou por algum tipo de desígnio divino.

Na obra do *18 Brumário*, a definição de classe social está ligada ao seu agir político (Marx, 2008a, p. 245-246) e não simplesmente ao lugar que ocupa no modo de produção. Os acontecimentos na esfera da política não são jamais meros epifenômenos do que ocorre na esfera do econômico. A autonomia relativa da política não pode ser ignorada, uma vez que as decisões políticas, pondo em movimento o Estado, acionam processos sociais e culturais repletos de conseqüências, chegando a interferir no próprio funcionamento da economia. A compreensão crítica das possibilidades e limites dos sujeitos históricos está associada ao problema do *poder*, que é de classe e, por isso, liga-se a questão da luta e do conflito de classes. É na luta, no enfrentamento que se define a classe.⁵ Uma vez que só

o conflito permite a visualização das classes sociais. No entanto, a luta de classes não se verifica apenas quando os dominados, mobilizando-se, organizando-se, lutam claramente, com suas lideranças, em defesa de seus interesses e, sobretudo, com vistas à superação da ordem social vigente; ela existe também, latente, às vezes escondida, oculta, expressando-se em diferentes formas de resistência ao poder das classes dominantes. Daí a necessidade de identificar os interesses de classes em disputas no âmbito político para além do jogo das aparências, tendo em vista a centralidade da “luta de classes” como categoria fundante de análise e a reflexão sobre a totalidade social.

Conforme é apontado por Thompson

“As classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. (...) As pessoas se veem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. (...) Não podemos falar de classe sem que as pessoas, diante de outros grupos, por meio de um processo de luta (o que compreende uma luta em nível cultural), entrem em relação e em oposição sob uma forma classista, ou ainda sem que modifiquem as relações de classe herdadas, já existentes”. (Thompson, 2001, p. 274-275)

Nesse sentido, Marx faz uma análise particularmente elucidativa dos eventos ocorridos na França entre 1848 e 1852. Embora não negue o papel dos sentimentos pessoais na história, o autor do *18 Brumário* retira a explicação do golpe de Estado de Luís Bonaparte do domínio subjetivo e voluntarista de um indivíduo, contrastando com outras duas interpretações contemporâneas a ele.⁶ Ele explica esse evento (o golpe) à luz de um processo histórico concreto. A exposição de Marx minimiza o golpe, em quanto um fato em si, recuando no tempo, integrando-o num longo processo, ampliando o leque dos acontecimentos a serem tratados e os personagens envolvidos.⁷ Opera a separação do que é conjuntural daquilo que é estrutural, do que é evidente daquilo que é dissimulado, do que é apenas discurso daquilo que é a prática efetiva.⁸ Desse modo, Marx demonstra “como a luta de classes criou na França as circunstâncias e as condições que permitiram a um personagem medíocre e grotesco representar o papel de herói” (Marx, 2008a, p. 200).

Em decorrência das múltiplas dimensões teóricas da obra, a leitura do livro *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* permite aos historiadores avançar em muitas direções no sentido de consistência teórica de suas análises. E não simplesmente extrair esquemas rígidos, distorcendo a informação empírica para forçá-la a encaixar-se nas categorias de análise conceitual.

Como salienta Pierre Vilar, para o historiador marxista, posicionar-se ideológica e politicamente não deve significar a transformação do método de pesquisa legado de Marx e Engels em uma doutrina, com sérios riscos de simplificação e dogmatismo (Vilar, 1987). Antonio Gramsci criticou energeticamente a redução da *filosofia da práxis* (materialismo histórico) a uma sociologia a ser construída segundo o método das ciências naturais – experimental no sentido vulgarmente positivista.

Para ele, essa redução representou a cristalização da tendência deteriorada de “reduzir uma concepção de mundo a um formulário mecânico, que dá a impressão de poder colocar toda a história no bolso” (Gramsci, 2004, p. 143 e 146). Por isso, o historiador não deve incorrer no erro de cair no terreno fácil da máxima abstração, em que se recorre à realidade, *a posteriori*, apenas para buscar exemplos que ilustrem os resultados previstos (e sabe-se que bem encaixada aos esquemas pré-fabricados, a realidade nunca desmente a teoria).

De acordo com Francisco Buey, Marx é um clássico do pensamento social, diante do qual há duas atitudes tão típicas quanto triviais. A primeira atitude é a conversão do clássico numa espécie de sagrada escritura, em que se encerra a verdade absoluta e incontestável. A segunda atitude procura anular o clássico, recomendando aos jovens que não percam o tempo lendo-o (Cf. Buey, 2004, p. 18-19). Para além dos *ismos* criados no seu nome e contra seu nome, a obra marxiana ainda é uma fonte fecunda para gerar campos de discussão que permitam recolocar e reconsiderar problemáticas que podem iluminar e esclarecer o funcionamento das sociedades humanas, principalmente na época atual. E mais do que isso, não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo.

Referências Bibliográficas

FONTANA, Josef. *A História dos Homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 8 ed. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 1 . 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KONDER, Leandro. “A concepção da história em Marx”. In: ____ . *O marxismo na batalha das ideias*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 2 ed. 8a reimpressão. São Paulo, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

____ . “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”. In: ____ . *A revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2008a.

____ . *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008b.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

____ . *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

VILAR, Pierre. *Iniciación al Vocabulario del Análisis Histórico*. 4 ed. Barcelona: Critica, 1982.

____ . “Marx e a história”. In: HOBSBAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*. Vol.1. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

____ . “A memória viva dos historiadores”. In: Boutier, Jean e Julia, Dominique (orgs). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998.

Notas:

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) e professor de história da Rede Municipal de Ensino de Rio das Ostras (RJ). Email: mcezarufri@uol.com.br

² Sobre a problemática que envolve esses três conceitos na utilização do marxismo como método de análise histórica é de fundamental ajuda a contribuição do historiador Pierre Vilar. Cf. Vilar (1982).

³ Trata-se, entretanto, de uma totalidade hierarquizada e articulada de fatos, englobando os aspectos substantivos e essenciais da realidade social pesquisada, que não deve ser confundida – como querem alguns – com um simples inventário de todos os acontecimentos do passado, algo impossível e absurdo de ser realizado. Cf. Kosik (2010, pp. 41-64).

⁴ Embora os dias de certeza de Francis Fukuyama há muito ficaram para trás, o autor best-seller do mundo capitalista ainda acredita na democracia liberal como o ápice da evolução ideológica da humanidade, como afirmado em recente entrevista à *Folha de São Paulo* (22/04/2018).

⁵ A classe aqui é entendida como uma categoria histórica, em que a luta de classes se apresenta como conceito prioritário no processo histórico de formação das classes sociais. Ou seja, a luta de classes precede a classe (cf. Thompson, 1998, cap. 2 – “Patrícios e plebeus”).

⁶ Trata-se das obras *Napoléon, le petit*, de Victor Hugo e *Conq d'État*, de Proudhon.

⁷ Método regressivo (parte-se do golpe de 2/12/1851 para trás) e ideia de totalidade (atores validados pela ordem social vigente).

⁸ Método comparativo: comparação entre o golpe de Luís Bonaparte e o 18 Brumário de Napoleão Bonaparte; comparação entre as estruturas de classes na França de 1789 e de 1848 e nos EUA de 1776. Marx dá atenção às especificidades históricas ao desenvolvimento desigual das condições políticas e econômicas entre países e contextos sociais diferentes.